

RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA CONTEMPORANEIDADE MARCADA PELO “NEOLIBERALISMO DIGITAL”: IMPACTOS NA SUBJETIVIDADE E INTER-RELAÇÕES

Ivana de Baere Flett¹

Tainá Vianna do Amaral Barbosa²

Geovana Teodoro Barbosa³

RESUMO

Essa pesquisa analisa as experiências atuais de relacionamentos amorosos, tendo como pano de fundo a contemporaneidade marcada pelo neoliberalismo digital e seus impactos na subjetividade e inter-relações. Entendemos o neoliberalismo como um sistema que ultrapassa as dimensões política e econômica, permeando a construção identitária do ser humano. Como as relações são fundamentais na formação do sujeito, os relacionamentos amorosos são parte constitutiva do processo de subjetivação, o que aponta para a relevância deste estudo. Através de uma pesquisa qualitativa com coleta de dados *online*, via formulário semiestruturado, investigamos as dinâmicas das buscas por relacionamentos amorosos e como as pessoas têm percebido essas relações. Tensionamos nossos resultados com o estudo de Bezerra e Justo (2010), *Relacionamentos amorosos na pós-modernidade: análise das consultas apresentadas em sites de relacionamento amoroso*, que analisou 74 consultas de aconselhamento amoroso em sites de encontros, à luz da Análise de Conteúdo desenvolvida por Lawrence Bardin (1977), mesma metodologia adotada nesta pesquisa. Assim como os autores, identificamos diversos atravessamentos da lógica neoliberal nas construções das relações. Observamos também uma tensão entre a necessidade de preservação da individualidade e o desejo por vínculos mais profundos, além de uma reivindicação de que as relações sejam fonte de prazer.

Palavras-chave: Relacionamentos; Neoliberalismo; Subjetividade

ABSTRACT

This research analyzes current experiences in romantic relationships, set against the backdrop of contemporary life shaped by digital neoliberalism and its effects on subjectivity and interpersonal connections. We understand neoliberalism as a system that goes beyond the political and economic spheres, permeating the very construction of human identity. Since relationships are fundamental in the formation of the individual, romantic relationships constitute an essential part of the subjectivation process, underscoring the relevance of this study. Through qualitative research with online data collection using a semi-structured form, we investigated the dynamics of the search for romantic relationships and how people perceive these bonds. Our results are discussed in relation to the study by Bezerra and Justo (2010), *Love Relationships in Postmodernity: Analysis of Consultations Presented in Love-Consultancy Websites*, which examined 74 requests for romantic advice on dating sites, employing the Content Analysis method developed by Lawrence Bardin (1977), the same methodology used in this research. Like those authors, we identified several instances where neoliberal logic

¹ Graduanda em Psicologia pela Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: Ivana.b.flett@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: tainaprado@gmail.com

³ Psicóloga, mestra em psicanálise pela UFSJ. Professor do curso de Psicologia na Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: geovana.barbosa@uniptan.edu.br

permeates the construction of relationships. We also observed a tension between the need to preserve individuality and the desire for deeper bonds, as well as a demand that relationships be a source of pleasure.

Key-words: Relationships; Neoliberalism; Subjectivity

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce da observação de que as relações amorosas e demandas afetivas estão mudando rapidamente na contemporaneidade, influenciadas pela rapidez da imposição e atualização do neoliberalismo digital, entendido aqui a partir do conceito de psicopolítica⁴, que problematiza os novos formatos das relações de poder com a expansão das tecnologias de informação (Viana, 2023). No campo das relações amorosas, percebemos que o namoro, antes considerado um ensaio para o casamento, tomou novas formas, perdeu a força. Michel Bozon, sociólogo dedicado aos estudos de gênero e de sociologia da sexualidade, afirma que, atualmente, nos países ocidentais, identifica-se uma mudança progressiva nas relações conjugais que demonstram a passagem do que ele denomina uma “definição institucional antiga do casamento”, para outra “definição interna e amplamente subjetiva” de cada casal, dissolvendo o ideal de uma união pelo amor (Bozon, 2004 *apud* Lins, 2023, p. 47).

A *internet* e a popularização dos *smartphones* e outros dispositivos eletrônicos mudaram a maneira com que as pessoas se relacionam. A psicanalista Regina Navarro Lins (2023), aponta que, até 1940, elementos como atração sexual e prazer não eram critérios para se firmar contratos de casamento. Sexo era um tabu para a maioria das nossas avós, enquanto hoje trata-se de um assunto amplamente acessível, refletindo uma erosão progressiva do pudor. O próprio modelo de casamento heteronormativo, que era um pilar da sociedade, hoje tem outras formas mais inclusivas e significativas de acontecer para uma diversidade maior de pessoas, no que diz respeito à orientação sexual, à idade e aos formatos de relacionamentos (Lins, 2023).

Christian Dunker (2024) nos convida a pensar, a partir da psicanálise, no amor como o afeto que nos retira de nós mesmos, que nos leva a buscar no outro alguma coisa que nos falta, ainda que momentaneamente, para que por meio deste encontro haja uma expansão de si. Vemos que o mundo está mudando rapidamente, para as mulheres e os homens, as pessoas se veem e se falam muito *online*, intensificando a fantasia de que se relacionar com muitas pessoas simultaneamente pelos meios digitais as preencheria de algo. No entanto, se, para alguns, a era

⁴ Conceito criado pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han para discutir “as relações autênticas de dominação em que o Estado, os indivíduos, a sociedade, as tecnologias e a inovação se relacionam e marcam a contemporaneidade de uma forma sinistra e obscura, impedindo avanços humanísticos.” (Viana, 2023, p. 2)

digital tornou o amor e o sexo mais disponíveis, para outros, as dificuldades se agravaram, seja pela insatisfação com a experiência *online*, seja pela falta de tempo para se relacionar em carne e osso ou pela falta de acesso às tecnologias.

Dessa forma, na fase inicial deste trabalho, buscamos pensar as estruturas do neoliberalismo hoje e, dentro delas, refletir sobre o amor e os relacionamentos amorosos. Encontramos autores(as) que falam dos desafios (Suy, 2022; Lins, 2023; Zanello, 2023; Alemán, 2023), mas também compartilham faíscas da desconstrução de ideias estruturais sobre o amor romântico. Soma-se a isto uma busca tímida por novas construções de gênero, impulsionadas pelas lutas feministas, embora ainda desafiadas pelo modo como o sujeito contemporâneo parece nortear a sua existência pelos prazeres imediatos. Os psicólogos Paulo Victor Bezerra e José Sterza Justo (2010) identificam uma tendência dos sujeitos pós-modernos a associar seu bem-estar a formas de gratificações imediatas e ilimitadas, ou seja, ao funcionamento psíquico regido pelo Princípio do Prazer⁵, descrito por Freud como a nossa primeira e mais primitiva forma de interação com o mundo. No entanto, observam os autores, a vida em sociedade precisa ser mediada pelo Princípio da Realidade⁵, processo pelo qual o sujeito aprende a regular os seus impulsos, considerando os limites da convivência social.

Nesse sentido, encontramos também uma moral utilitária das relações afetivas “recreativas”, que parecem satisfazer aqueles(as) que buscam um alívio nos encontros fáceis e passageiros. Descobrimos, a partir de conceitos como *ghosting*⁶ e *gaslighting*⁷, uma nova gramática que permeia os relacionamentos, ou o fim deles, indicando sinais das mudanças que acontecem quando a informação fica mais acessível, e quando discutimos novas formas de se relacionar. Encontramos alguma esperança de um futuro que permita relações mais igualitárias e menos perigosas, ainda que, como aponta a psicóloga e escritora Valeska Zanello (2018), a persistência de roteiros culturais patriarcais, a socialização afetiva desigual entre os gêneros, o silenciamento emocional masculino e a lógica mercantilizada dos vínculos dificultem avanços

⁵ Modo de funcionamento psíquico voltado à busca imediata da satisfação dos desejos e à evitação do desprazer, predominante nos estágios iniciais do desenvolvimento humano, em que o sujeito ainda não reconhece os limites impostos pela realidade externa. Com o amadurecimento psíquico e a inserção na vida social, esse princípio é progressivamente regulado pelo Princípio da Realidade, que permite ao indivíduo adiar a gratificação e considerar as exigências do meio, possibilitando uma convivência mais adaptada às normas coletivas. (Freud, 2010)

⁶ O termo *ghosting* deriva de *ghost* que significa “fantasma” em inglês. Refere-se a um fenômeno comum nas relações atuais, quando uma das partes começa a desaparecer sem explicação. Ela para de responder as mensagens da outra, não atende quando liga, impossibilitando qualquer tentativa de contato. Isso se mantém por dias, até que a pessoa que foi *ghosted* percebe que não há mais uma relação.

⁷ O termo *gaslighting* se refere a uma forma de abuso psicológico, em que o abusador distorce informações para ganhar poder na relação, levando a vítima a duvidar de sua percepção, raciocínio, memórias e sanidade. Trata-se de uma forma de violência sutil, a pessoa faz sugestões, mas se esquia dizendo “eu não disse isso”, fazendo com que a vítima acredite que está sempre equivocada ou enlouquecendo.

mais céleres, contribuindo para que os resultados sejam lentos e a luta por vínculos mais saudáveis seja árdua.

Assim sendo, nesse trabalho nos propusemos a nos debruçar sobre a seguinte questão: como se dão as experiências atuais de relacionamentos amorosos, considerando como pano de fundo da contemporaneidade atual, o “neoliberalismo digital” e seus impactos na subjetividade e inter-relações? A partir disso, construímos um questionário *online* e semiestruturado e fomos a campo com objetivo de examinar respostas atuais e traçar uma comparação com os dados reunidos por Bezerra e Justo (2010) em sua pesquisa intitulada: *Relacionamentos amorosos na pós-modernidade: análise das consultas apresentadas em sites de relacionamento amoroso*. Acreditamos que a cultura tem buscado dialogar mais sobre homens e mulheres, suas relações e os papéis que ocupam nas esferas doméstica e pública, por essa razão, queremos pegar carona nessa busca e contribuir para o debate.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O neoliberalismo é uma ideologia político-econômica que começa a se estabelecer de forma mais predominante entre as décadas de 1970 e 1980. Trata-se de um sistema que leva a lógica capitalista, centrada nas leis de mercado, aos alicerces da organização social. Daniel Pereira Andrade (2019), professor e pesquisador de Sociologia, reflete como o neoliberalismo opera de forma híbrida e articulada a outras instâncias sociais, instaurando uma ambiguidade sobre a definição do conceito e seus alcances para além da esfera econômica. Olhar para os primórdios da constituição do neoliberalismo é importante para compreender que os seus subseqüentes desdobramentos há muito não se restringem às macroesferas da sociedade, operando de forma intensa e silenciosa no processo identitário dos indivíduos.

Nesse sentido, o autor identifica quatro principais dimensões críticas e consensuais dentro das diferentes linhas de enfrentamento ao neoliberalismo: a economia globalizada com acúmulo desenfreado de capital e restrição do poder de decisão a uma parcela reduzida da população em nível mundial; os dispositivos de governabilidade que priorizam a privatização e lucratividade, enfraquecendo políticas públicas e o acesso aos bens e serviços; a dimensão ideológica com conseqüente comprometimento do Estado Democrático de Direito; por fim, os aspectos subjetivos e a criação de novas formas de existência e práticas de si (Andrade, 2019).

Sobre esta última, o filósofo e escritor argentino Jorge Alemán (2023), aborda, a partir de uma perspectiva psicanalítica, como o capitalismo neoliberal atual expande a realidade pela promessa do ilimitado, gerando o impasse de algo que nunca se alcança, pois está sempre em

busca de algo intangível. Trata-se, portanto, de uma força descentralizada e em constante expansão, capaz de atravessar todas as dimensões da vida humana e cuja particularidade reside em produzir subjetividades moldadas por um modelo empresarial, competitivo e de autogestão da própria existência. Configura-se, assim, como uma forma de opressão sutil e sistêmica, que não precisa de mecanismos de coerção para se sustentar, pois consegue capturar os sujeitos a partir de mandatos que se internalizam subliminarmente em seus modos de ser, operando de forma furtiva na dimensão do que pertence à subjetividade (Alemán, 2023).

Esta dinâmica de dominação sutil e silenciosa é justamente a base do conceito de psicopolítica que o filósofo Byung-Chul Han (2018) traz à tona para caracterizar o que ele nomeia como sociedade dataísta⁸, numa referência ao contexto atual marcado pela quantificação em dados de todos os aspectos da vida. O pesquisador Moisés Viana (2023), retoma a teoria de Han para expor como a liberdade foi convertida em instrumento de controle, fazendo com que os indivíduos acreditem agir de forma autônoma, mas, na verdade, alimentam o sistema com as informações que vão moldar seus próprios comportamentos e sentimentos. A psicopolítica evidencia como o neoliberalismo digital extrapola as esferas econômicas e se infiltra nos níveis mais profundos da subjetividade, redefinindo as experiências afetivas, instaurando novas formas de idealização, de consumo e gestão das relações (Viana, 2023).

Dessa forma, faria sentido pensar em processos neoliberais que se retroalimentam e transformam a todo vapor a partir de suas próprias leis. Um sistema que se fortalece na medida em que molda o sujeito que vai sustentar esse sistema. Logo, pensar sobre o neoliberalismo hoje requer pensar em nós, sujeitos-criaturas, tão imbricados nessas engrenagens que já não sabemos mais ser outra coisa além de agentes neoliberais. Igualmente, é impossível dissociar as inter-relações humanas da lógica capitalista que forma o tecido social. As relações hoje, amorosas ou não, se apresentam cada vez mais esvaziadas de vínculos significativos e reduzidas pela lógica mercadológica que supervaloriza a performance e o benefício, “o que sugere que o caráter ilimitado da vontade do Capital de se perpetuar, expandir-se e se espalhar por toda parte introduz uma inevitável pobreza da experiência” (Alemán, 2023, s.p.).

Sobre o amor transformado em mercadoria, Zygmunt Bauman (1925–2017), sociólogo e filósofo polonês, apresentou, no início dos anos 2000, uma análise crítica da sociedade

⁸ Se refere aos “conhecimentos estabelecidos pelas tecnologias da informação como elementos relacionados a produção, tratamento e interpretação dos dados de um determinado sistema cibernéticos, para além disso diz respeito a qualquer produção de dados digitais no universo social pelas máquinas através da interação humano-máquina ou máquina-máquina. (...) Além do mais, seria uma lógica que determina as relações sociais estabelecidas e medidas pelos processos de poder estabelecidos pela psicopolítica” (Viana, 2023, p. 3).

globalizada e da precarização humana no que denominou “modernidade líquida” — conceito central em sua obra. Em seu livro *Amor Líquido* (2004), Bauman argumenta que a relação humana foi transformada por uma lógica de consumo, individualismo e imediatismo, em que as pessoas se tornaram consumidores que escolhem suas relações com a superficialidade de quem namora vitrines de um *shopping center*. É importante ressaltar que Bauman escreveu sua obra em um tempo já afetado pelos paradigmas neoliberais e acelerado pela globalização, mas ainda sem a dissolução das fronteiras de tempo e espaço que a *internet* e a era dataísta vêm proporcionando de forma cada vez mais radical e eficiente. É nesse sentido que as reflexões atuais sobre as trocas amorosas buscam compreender em que medida a conexão se tornou aquisição, mas também os impactos subjetivos de relações completamente mediadas pela profusão ilimitada de conteúdos breves e imagens, diante da transformação exponencialmente acelerada da vida em espetáculo (Debord, 1967).

Navarro Lins (2023) faz contribuições importantes para esse debate ao oferecer um olhar crítico sobre as transformações nos formatos das relações afetivas contemporâneas, questionando a centralidade da monogamia e do amor romântico tradicional. Na mesma proporção em que as pessoas reivindicam o direito de exercerem suas diferenças, também exigem o direito por relações que se adequem às suas necessidades, mesmo que estejam na contramão do que seria considerado moralmente adequado pelo senso comum. Nesse sentido, a autora observa um declínio da exclusividade e do sentimento de posse, abrindo possibilidades para relações mais livres e diversas. Práticas como o poliamor⁹, relações a três, relacionamentos abertos ou casuais, namoro na terceira idade, o uso de aplicativos de relacionamento, entre outros, seriam uma expressão do aumento do individualismo, mas também da busca por relações mais satisfatórias e autênticas.

De outro lado, Zanello (2023), realiza uma investigação crítica sobre as construções sociais que moldam as experiências amorosas contemporâneas sob a ótica das hierarquias de gênero. Sua metáfora da “prateleira do amor” (p.42), é contundente para ilustrar como as relações atuais estão operando na lógica capitalista da lei da oferta (feminina) e da procura (masculina), ressaltando como mulheres e homens são socializados de maneiras diferentes em relação ao amor e aos relacionamentos. A autora traz a dimensão do amor enquanto uma

⁹ Tipo de relação ou atração afetiva em que cada pessoa tem a liberdade de manter vários relacionamentos simultaneamente, negando a monogamia como modelo de fidelidade, sem promover a promiscuidade. Caracteriza-se pelo amor a diversas pessoas, que vai além da simples relação sexual e pela anuência em relação à ausência de ciúme de todos os envolvidos nessa relação. O propósito do poliamor é amar e ser amado por várias pessoas ao mesmo tempo.” (MICHAELIS, 2018, s.p.)

construção histórico-cultural e nos abre à reflexão de que as experiências amorosas estarão sempre atravessadas por uma série de determinantes sociais.

Nesse sentido, Zanello (2023) diz que as mulheres são ensinadas, por meio de normas de gênero, que o seu valor está em ser escolhida, por isso precisam atender aos padrões estéticos e comportamentais balizados pelas opiniões e desejos masculinos. Por outro lado, os homens são atravessados por um “dispositivo da eficácia” (p.61), que os interpela a provar sua virilidade, principalmente por meio do sucesso profissional e desempenho sexual. A autora afirma que “na nossa cultura, homens aprendem a amar muitas coisas e mulheres aprendem a amar os homens” (p. 70), transformando seus corpos em capital simbólico e terceirizando a sua autoestima aos padrões vigentes ditados pela primazia do desejo masculino. Dessa forma, mesmo que o objetivo principal desta pesquisa seja olhar para os relacionamentos amorosos de forma mais ampla, não há como fazê-lo sem considerar que as mulheres que fogem aos padrões dominantes – sobretudo as negras, gordas, periféricas ou não normativas – são frequentemente preteridas ou hipersexualizadas, revelando os limites racializados, classistas e preconceituosos do dispositivo amoroso. O que fica são sequelas de relacionamentos disfuncionais e a normalização dos mais diversos tipos de violências em meio a um fluxo frenético de informações, produzindo um vazio solitário e confuso de sentimentos.

De outro lado, Ana Suy (2022), psicanalista e escritora, nos oferece contribuições relevantes sobre as complexidades das relações humanas, do amor e da solidão na contemporaneidade. A autora constrói uma narrativa atual, entrelaçada por relatos, pesquisas e vivências pessoais, que convida à reflexão sobre os múltiplos significados do amor e as formas como este é alocado na vida das pessoas. Embora o amor se configure, em muitos aspectos, como um elemento central nas buscas humanas, Suy problematiza essa centralidade ao apontar que, por vezes, ele pode operar como uma via de afastamento de si. Paralelamente, a ausência de amor direcionado ao outro, frequentemente interpretada como fracasso ou solidão, pode, na verdade, abrir espaço para o encontro com a própria presença e o cultivo do amor por si mesmo. Nesse sentido, amar o outro exige, antes, a capacidade de sustentar a experiência de estar só consigo, uma vez que, mesmo quando há reciprocidade, o amor não suprime a solidão, já que cada sujeito ama a partir de sua própria singularidade (Suy, 2022).

Na perspectiva psicanalítica, o desejo aponta para o vazio constitutivo da existência humana, num movimento contínuo de busca por algo que nunca se satisfaz por completo (Suy, 2023). Perceber este mecanismo intrínseco pode ser útil para a compreensão de que muitas vezes o desejo de amar se confunde com anseio de possuir o outro na tentativa de suprir essa

solidão estrutural. Paradoxalmente, quanto mais tentamos conter o desejo, mais ele se intensifica, por isso a procura por relações amorosas é direcionadora nas interações humanas, o que aponta para a relevância desta pesquisa. Se pensarmos ainda que é no laço social que o ser humano concretiza a sua própria identidade (Alemán, 2023), temos que as relações amorosas não são acessórias, mas sim constitutivas do processo de subjetivação e formação do sujeito, desempenhando um papel central na maneira como este se percebe e se posiciona no mundo.

Em 2010, Bezerra e Justo produziram uma pesquisa tendo como base o material extraído de setenta e quatro sessões de aconselhamentos em dois sites¹⁰ de relacionamento já extintos. Como definido pelos autores, “o objetivo do presente trabalho é examinar os conflitos que emergem nos relacionamentos amorosos vividos em tal contexto” (Bezerra; Justo, 2010, p. 193), referindo-se, como contexto, à cultura neoliberal de aceleração e superficialização das relações. Por se tratarem de objetos de estudo semelhantes, o relevante desta pesquisa para nosso estudo, é analisar e confrontar os resultados obtidos em 2010 com dados mais atuais.

A partir da conclusão escrita pelos autores, conseguimos antecipar a hipótese de que algumas das problemáticas levantadas permanecem pertinentes 15 anos depois. Nos interessou averiguar o quanto dessas questões seguem se atualizando e intensificando, na medida em que o contexto neoliberal também vem se modificando e intensificando ao longo do tempo. Através da metodologia de análise de conteúdo, os autores construíram três tabelas para categorizar e analisar o material reunido. A primeira tabela buscou categorizar os enredos das consultas, detectando oito tipos de enredos diferentes, sendo *Descompromisso*, *Insegurança* e *Traição* os que mais se repetiram. Na tabela dois, categorização por título, com sete tipos diferentes, os que mais se repetiram foram: *Insegurança*, *Insatisfação* e *Traição*. Por fim, a terceira tabela estabeleceu uma categorização daquilo que os(as) consulentes mais valorizavam e desvalorizavam no parceiro ou parceira, sendo mais expressivos os indicadores ligados a *bens financeiros* e *status social*, ao lado de *atributos físicos*.

Diante desses resultados, os autores apresentam uma reflexão sobre como a subjetividade de seu tempo encontra-se fortemente atravessada pelo paradigma capitalista do consumo com a primazia dos bens materiais, tornando a esfera afetiva sempre insuficiente para sustentar as relações. O trabalho desses dois autores é relevante na construção de um panorama,

¹⁰ O site www.ParPerfeito.com.br, foi um dos pioneiros em sites de relacionamento no Brasil, criado em 2000 com o objetivo de conectar pessoas para relacionamentos, seja para namoro, encontros, amizades ou mesmo um amor mais sério. Com o tempo, se tornou um dos maiores sites de relacionamento do país, mas foi descontinuado em 2024. O site www.vaidarcerto.com.br, foi uma filial de uma empresa estadunidense que começou sua atuação no Brasil em 2001 e não está mais ativo atualmente, mas não encontramos informações sobre o ano de sua interrupção.

mesmo que com base em um recorte específico, dos impactos “dessa emergente organização social para o psiquismo e mais especificamente para a vida afetiva dos sujeitos. As agruras sentimentais dos consulentes denunciam as mazelas da contemporaneidade” (Bezerra; Justo, 2010, p. 203) em um *continuum* de precarização emocional que pode ser entendido como denúncia de sintomas sociais mais amplos e característicos do nosso tempo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar as experiências atuais de relacionamentos amorosos, considerando como pano de fundo a contemporaneidade atual, marcada pelo neoliberalismo digital e seus impactos na subjetividade e inter-relações.

Objetivos específicos:

- 1- Investigar as experiências de relacionamentos amorosos atuais de pessoas com idade acima de 18 anos.
- 2- Identificar os possíveis tensionamentos entre os dados obtidos e pesquisas anteriores semelhantes.
- 3- Analisar os impactos da estrutura neoliberal na construção dos relatos sobre as relações amorosas.

METODOLOGIA

O cerne desta pesquisa está em avaliar os processos subjetivos e afetivos envolvidos nas construções dos relacionamentos amorosos no mundo atual, talhado pelo neoliberalismo digital que determina, silenciosa e permanentemente, as regras para se existir, tanto na singularidade, quanto nas formações sociais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2014) que pretendeu buscar informações pessoais sobre as histórias de vida, opiniões, percepções e interpretações das pessoas sobre seus relacionamentos amorosos.

Nosso público-alvo não se inscreveu em determinado recorte etário ou social, mas nos interessou atingir pessoas acima de 18 anos que pudessem nos dizer também sobre suas origens étnico-raciais, classe social, identidade de gênero e orientação sexual. Essa escolha difere da pesquisa de Bezerra e Justo (2010) que, por analisarem consultas pré-existentes, não puderam acessar dados sociodemográficos mais amplos dos(as) participantes. No entanto, objetivamos

aqui uma pesquisa explicativa para nos debruçarmos sobre o tema, identificando o maior número possível de variáveis envolvidas na busca por relacionamentos, bem como no ato de relacionar-se em si, considerando que as experiências de relacionamentos amorosos são sempre atravessadas por marcadores de classe, raça e gênero.

O primeiro desafio posto foi o prazo de 10 meses (desde a escolha do tema e construção do projeto de pesquisa à análise de dados e apresentação dos resultados), principalmente em relação à profundidade que se pretendeu extrair dos dados coletados. Por este motivo, escolhemos realizar uma pesquisa de levantamento com coleta de dados *online* (CDO), por meio da construção de um questionário digital com perguntas semiestruturadas e espaço para a livre expressão. Entendemos que o uso de CDO é estratégico por otimizar o alcance a uma amostra maior e mais diversificada em um curto espaço de tempo (Vieira *et al*, 2022), no entanto, também consideramos alguns impasses atrelados a esta escolha.

O uso de dados digitais para a composição de pesquisas qualitativas exige uma atenção redobrada em relação às questões éticas envolvidas. Sobre esse tema, Vieira *et al*. (2022) ressalta a importância de se garantir os direitos e a segurança dos(as) participantes, seguindo protocolos que não visem apenas proteger a integridade da pesquisa e da equipe. Assim, para garantir a integridade ética do estudo, submetemos o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número CAAE: 89467125.3.0000.9667, e recebemos a sua aprovação. Além da elaboração de um texto em linguagem objetiva e acessível para orientar a assinatura virtual do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), inserido no próprio formulário *online*, foi produzido um vídeo breve (menos de três minutos), contendo orientações gerais sobre a pesquisa. Esse material foi também inserido no início do formulário *online*, de modo a assegurar a transparência e compreensão por parte dos(as) participantes.

Sobre as perguntas, buscamos um misto de formatos fechado, com categorias pré-definidas que permitiam ao participante marcar quantas opções desejasse, e aberto, dando espaço para fala livre. Começamos o questionário com perguntas fechadas acerca dos marcadores sociais (idade, raça, orientação sexual, classe, etc.); em seguida incluímos uma pergunta aberta sobre o que motiva a busca por relacionamentos e, depois, uma pergunta fechada sobre como as pessoas se engajam nessa busca (aplicativos, redes sociais, ambientes, etc.); uma pergunta fechada sobre identificação de valores neoliberais vigentes (produtividade, desempenho, excesso de trabalho, consumismo, etc.) e outra aberta sobre como esses valores impactam as formas de se relacionar; perguntas abertas sobre como as pessoas têm percebido as construções das relações e dos vínculos atualmente; perguntas fechadas sobre o que elas

identificam como importantes e prejudiciais em uma relação; por fim, uma pergunta aberta convidando o(a) participante a se expressar livremente sobre “o que seria uma relação amorosa ideal” e mais um espaço aberto para compartilhar, se desejasse, histórias e vivências.

Um dos objetivos desta pesquisa foi estabelecer uma comparação com o estudo realizado por Bezerra e Justo em 2010, no qual os autores analisaram o material coletado à luz da Análise de Conteúdo desenvolvida por Lawrence Bardin (1977). Seguindo a mesma perspectiva metodológica, optamos por empregar o método de Bardin na interpretação dos dados obtidos por meio das respostas ao formulário aplicado. A análise de conteúdo, conforme sistematizada pela autora, é dividida em três etapas fundamentais: pré-análise, a exploração do material e tratamento. Na pré-análise foi feita a organização do material, exportando os resultados através do *Google Forms* e separando os elementos que formaram o *corpus* da pesquisa. Em seguida, realizamos uma “leitura flutuante” (Cordeiro *et al*, 2024, p. 149), registrando as impressões iniciais e levantando hipóteses preliminares. Na fase de exploração, nos aprofundamos no material através de análises verticais e horizontais, extraindo categorias para estruturação e codificação dos dados brutos, de forma a sistematizar as ideias de acordo com os objetivos traçados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletadas 67 respostas que expuseram um recorte amostral específico e não intencional, provavelmente decorrente da limitação do alcance do formulário *online* que foi impulsionado de forma orgânica a partir do círculo de contatos das pesquisadoras. Dessa forma, nos deparamos com uma amostra majoritariamente feminina (55 mulheres cis, 11 homens cis e uma pessoa não binária), identificada como branca (48 brancas, 14 pardas, cinco pretas) e heterossexual (58 heterossexuais, cinco homossexuais, e quatro bissexuais). No que se refere às idades, recebemos respostas de 17 pessoas entre 18 e 30 anos (25,4%), 26 pessoas entre 31 e 40 anos (38,8%), 23 entre 41 e 60 anos (34,3%), e uma com 71 anos ou mais (1,5%).

Sobre a importância dos relacionamentos amorosos, 50 participantes (74,7%) atribuem muita importância ou importância fundamental, 15 participantes (22,4%) atribuem importância moderada e apenas dois (2,9%) atribuem pouca importância ou preferiu não responder. Os dados mostram ainda que 27 pessoas (40,3%) se nomearam casados(as)/união estável, 20 pessoas (29,9%) nomearam seus relacionamentos como monogâmicos e apenas quatro pessoas marcaram ambas as opções, ou seja, 43 pessoas (64,18%) se declararam casadas e/ou monogâmicas e uma pessoa (1,5%) se declarou namorando, em oposição a 23 restantes

(34,33%) que se declararam solteiras, divorciadas ou em relacionamento casual e uma pessoa (1,5%) que afirmou não ter definição. Neste cenário, é relevante citar que apenas 26 participantes (38,8%) disseram não estar buscando por uma relação amorosa no momento e 22 pessoas (32,8%) disseram que não costumam buscar, pois preferem que o encontro aconteça naturalmente, enquanto o restante se dividiu entre formas variadas de busca por parceiros.

Após a leitura flutuante, extraímos três categorias direcionadoras a partir da análise das questões fechadas e abertas, buscando compreender aspectos pertinentes aos objetivos da pesquisa. As categorias são: o que motiva a busca por se relacionar amorosamente; qual é o ideal (fantasiado/livre associação) de uma relação amorosa; e como se dão as percepções atuais sobre os relacionamentos. Ao longo do trabalho extraímos trechos diretos dos depoimentos, à medida que nos deparamos com um material que nos pareceu bastante rico para análise.

Do Desejo à Escolha: motivações e caminhos para lançar-se no amor hoje

As principais motivações relatadas para a busca por uma relação amorosa e as formas de se buscar parceiros(as) para se relacionar, aparecem aqui agrupadas por semelhança, sendo que alguns relatos apresentaram mais de uma motivação principal. Em destaque, o medo da solidão e o desejo pela companhia e parceria ao longo da vida apareceu em 38 respostas (56,71%), reforçando a reflexão de que as relações são também uma forma de encontro do sujeito com aquilo que lhe falta (Dunker, 2024), logo, nos atravessam em lugares profundos de construção da subjetividade, considerando que esta precisa do outro para se constituir. Nesse sentido, Ana Suy (2023) afirma que “amar é se haver com a insuficiência do outro, que denuncia a insuficiência de cada um” (p. 125) e que “há quem viva essa solidão como desamparo, com imenso mal-estar, e que assim recue dela, não podendo vivê-la bem” (p. 32).

Na contemporaneidade neoliberal, essa falta que a psicanálise identifica como dimensão constitutiva do sujeito, é cooptada e silenciosamente transformada em insuficiência como constante subjetiva que deve ser respondida pelo empuxo à performance e à autossuficiência na lógica do “empreendedor de si mesmo” (Alemán, 2023), que se apodera “do *psiquê*, da culpa e das frustrações para criar o discurso empreendedor” (Viana, 2023). Se deparar com essa insuficiência pode causar sofrimento, mas também é algo que nos impulsiona na busca por relações amorosas. Na pesquisa de 2010, a solidão aparece como título e enredo de algumas consultas, mas de forma muito menos expressiva e colocada como uma queixa dos(as) consulentes sobre seus relacionamentos. Ou seja, temos em 2010 a solidão vivida dentro de

uma relação e interligada ao “tema do descompromisso na condição de efeito ou de consequência dele” (p. 201), em contraponto à solidão que motiva a buscar por uma relação.

A própria construção de um relacionamento como motivação apareceu em 22 relatos (32,8%), o que nos faz pensar que os relacionamentos hoje têm sido colocados mais no centro de suas próprias construções, em oposição a um tempo em que seguiam formatos padronizados e pré-concebidos, por conveniência ou costumes sociais (Lins, 2023). No entanto, não nos surpreende, por exemplo, que a maioria das pessoas que se dispuseram a responder o questionário seja do sexo feminino, nem que muitos relatos confirmem às mulheres a consciência de que os relacionamentos precisam mudar. De fato, historicamente, foi atribuída às mulheres a responsabilidade pelo trabalho de cuidado, o que as colocou no papel de gerenciadoras dos relacionamentos, consolidando também uma posição de desvantagem em relação aos homens. Zanello (2023) observa que muitas mulheres constroem sua identidade em torno do amor, o que pode gerar relações abusivas normalizadas, dificuldade de estabelecer limites, dependência da validação masculina e silenciamento de necessidades próprias. Nesse sentido, alguns relatos de participantes do sexo feminino nos chamam a atenção: “buscar um parceiro para me acompanhar na vida, ser um time unido e felizes” (participante 58) e “ter com quem compartilhar, não ficar sozinha, tamponar uma suposta carência” (participante 13).

A motivação pela satisfação sexual apareceu 16 vezes (23,8%), sendo que apenas três desses participantes são homens e, desses três, apenas um está solteiro. Restando 13 respostas, sendo nove de mulheres heterossexuais e duas lésbicas, todas se relacionando atualmente. Isso nos leva a uma possível ruptura com um estereótipo de senso comum de que homens atribuem mais importância ao sexo. Além de percebermos uma maior menção do sexo como motivação por parte de mulheres que estão em relacionamentos, comparado às pessoas que estão atualmente buscando. É interessante observar que o sexo não é citado em nenhuma das três categorias de análise da pesquisa de Bezerra e Justo (2010), ou seja, nenhum dos(as) consulentes falou de questões relativas ao sexo, nem como queixa, nem como valores almejados ou desvalorizados. Por outro lado, os autores sinalizam que a “boa aparência”, “juventude”, “virgindade” e “magreza”, são expressos em 24 consultas como valores almejados. Percebemos, com isso, entre nossos(as) participantes, uma naturalidade maior para abordar o sexo como um elemento legítimo dos relacionamentos, assim como uma busca por formas mais livres e autênticas de expressão da sexualidade.

Já as palavras amor, afetividade, carinho e romance aparecem muito diretamente em 14 respostas (20,8%), apresentadas como bases importantes para uma relação verdadeira, sendo

que apenas duas dessas respostas são de homens, heterossexuais, casados, na mesma faixa etária 31-40 anos. Na pesquisa de 2010, os autores notaram que “dos aspectos desvalorizados/rejeitados, o mais citado é o *amar*” e completam que “o que os(as) consulentes mais temem em suas vidas amorosas é amar” (p. 201). O amor analisado pelos autores nas falas dos(as) consulentes é entendido como uma sentença de perpetuação do relacionamento e sinônimo de monotonia e impedimento de se viver novos encontros. Já na pesquisa atual percebemos uma tentativa de resgate desse sentimento para validar experiências significativas de afeto nas relações. No entanto, como veremos a seguir, identificamos nas falas dos(as) participantes uma fluidez maior do conceito de amor, sendo descolado do amor romântico, num sentido de que as pessoas buscam afeto e conexão, sem que isso signifique rigidez nas relações.

Nos chama a atenção que o tema família como motivação para se relacionar tenha aparecido apenas quatro vezes (6%) entre as respostas, corroborando Navarro Lins (2023) em sua análise do amor e das relações como construções histórico-culturais que vêm sofrendo inúmeras transformações ao longo do tempo. A variedade de novos formatos legitimados hoje, denuncia o declínio do amor romântico tradicional que “prega um conjunto de crenças, valores e expectativas que determinam, mesmo inconscientemente, o que devemos sentir e como reagir no relacionamento com outra pessoa” (p. 24). Valores como exclusividade, relacionamentos longevos, completude, alma gêmea e o que a autora chama de “a forma correta de amar” (p. 256) estão sendo cada vez mais desconstruídos por uma crescente valorização da busca por realização pessoal e formatos mais satisfatórios.

Bezerra e Justo já sinalizavam esta transformação de forma muito evidente em 2010, ao perceberem que “o descompromisso é um dos campeões das reclamações e dos pedidos dos(das) consulentes” (p. 201), como “uma defesa contra a frustração” (*ibid*), fazendo um paralelo direto com “um momento de substituição do amor romântico pelo ‘amor confluyente’, com as consequentes modificações no tipo de relacionamento entre casais e parceiros” (*ibid*), numa referência ao conceito desenvolvido pelo sociólogo Anthony Giddens em *A transformação da intimidade* (1992). Nesta obra, Giddens, que também foi usado como referencial teórico por Navarro Lins (2023), descreve esse tipo de amor confluyente como um acordo mais condicional e negociado que, por um lado, se torna mais frágil, pois não se sustenta em promessas e modelos rígidos pré-construídos; mas, por outro, traz a possibilidade de ser mais autêntico, na medida em que valoriza a autonomia individual e amplitude de formatos para maior possibilidade de satisfação (Giddens, 1993 *apud* Bezerra; Justo, 2010).

Além disso, podemos pensar que, em tempos de neoliberalismo, os indivíduos são convocados à autorrealização e gerenciamento de suas próprias vidas. Para as mulheres em particular, que precisam lutar por seus espaços profissionais e autonomia, dedicar-se à construção de uma família nem sempre é uma opção viável, tampouco um desejo prioritário. Nesse sentido, destacamos o relato da participante 31, que tem entre 51-60 anos, é mulher cis, heterossexual, branca e diz estar em um relacionamento monogâmico. Ela atribui ao relacionamento amoroso uma importância fundamental, indicando que sua motivação para buscar uma relação amorosa é “uma boa cia”, e que “é importante para compartilhar momentos bons e ruins”. Ela relata ter usado aplicativos de relacionamento, como *Tinder*, *Grindr* e *Bumble* e avalia as construções das relações afetivas nos últimos anos/atualmente como “líquidas”, afirmando que “as pessoas não se apegam e muito menos querem se apegar a um só relacionamento”. No entanto, suas respostas nos fazem ponderar se são uma crítica às formas contemporâneas de se relacionar ou se refletem o lugar de quem aproveita benefícios que outrora seriam impossíveis para uma mulher de sua idade. Em suas palavras:

[...] Então hoje a praticidade de encontrar alguém legal compatível em app de relacionamentos acho que funciona você sendo responsável e segura de si, sem carência afetiva. No meu caso super deu certo, fui casada há 25 anos relacionamento tradicional. Quando me separei fui cuidar de minha vida e iniciei uma busca amorosa nos app, os três relacionamentos foram bons e infinito enquanto durou. Hoje estou feliz com (o quarto) 4 relacionamento por app. Devemos viver os bons momentos com leveza e amor (participante 31).

Entre o real e o ideal: a construção de expectativas no amor contemporâneo

A pergunta “Para você, o que seria uma relação amorosa ideal?” convidava os(as) participantes à escrita livre, imaginativa, e foi um espaço aberto para a fala livre. Foram muitos os relatos recebidos, apenas sete pessoas (10,4%) não responderam ou disseram não acreditar em relacionamento ideal, cinco pessoas (7,5%) descreveram as suas relações atuais como ideais, três (4,5%) duvidam do ideal, mas fantasiaram com ele mesmo assim, e as outras 52 (77,6%) relataram seu ideal de relação amorosa através de maneiras variadas. Identificamos e categorizamos algumas temáticas centrais que permearam o maior número de respostas. O número de citações por tema excede o número de participantes porque algumas respostas abarcaram mais de um tema.

De forma mais expressiva, destacamos que 21 pessoas (31,3%) idealizam uma relação amorosa na qual a comunicação é aberta, com espaço para a fala e escuta. Na maioria dos relatos, a comunicação se destaca como um mecanismo importante de troca e respeito para que

a relação não se sobreponha aos desejos e interesses individuais. Vemos, então, a necessidade de comunicação atrelada à busca por relacionamentos mais igualitários, mostrando que, apesar da evidente precarização das relações, alguns participantes ainda idealizam trocas pautadas em cumplicidade, liberdade, afeto e crescimento mútuo. Isso mostra que, mesmo em meio à lógica neoliberal, há sujeitos buscando construir espaços de cuidado e reciprocidade, o que Zanello (2018) reconhece como potência dos vínculos para a saúde mental e para a reinvenção dos afetos. O participante 39 (homem cis, heterossexual, negro, 31-40 anos, mestrado, relacionamento monogâmico, casual) nos descreve “uma relação baseada em entendimento e parceria, compreendendo que as pessoas mudam, mas se os anseios continuam com o tempo é válido ter comunicações que possam encontrar um caminho sadio para o bem viver juntos”. Observamos aqui novamente um contraponto em relação à pesquisa de 2010, na qual, assim como a vida sexual, a comunicação não foi citada por nenhum dos(as) consultantes, seja como queixa, ou como valores almejados em um relacionamento

O sexo, enquanto ideal, apareceu em 16 relatos (23,8%), destacando a sexualidade como algo importante e desejável na relação, no que se refere à frequência do ato sexual e à preocupação com o prazer, como vemos em algumas falas: “vida sexual ativa” (participante 65), “boa química sexual” (participante 67) e “sexo de qualidade” (participante 41). Navarro Lins (2023) compartilha que o sexo é o maior problema trazido por casais em relações estáveis ao seu consultório, concluindo, diante da diversidade dos casos, que “pode haver prazer sexual pleno desvinculado de qualquer aspiração romântica, assim como é possível amar muito uma pessoa e não ter desejo sexual algum por ela” (p. 82). O humor também aparece 16 vezes (23,8%), revelando o desejo pela relação leve, bem-humorada e divertida. A participante 47 compartilha: “um relacionamento leve, mas com amor e admiração mútua. Realizar desejos juntos [...]”. Identificamos nestes relatos um olhar voltado para a busca por prazer, seja através do sexo, seja pela possibilidade de relações que não gerem sobrecarga emocional.

Navarro Lins (2023) sinalizou a expressão dessa crescente busca por prazer nas transformações do amor romântico e consequente criação de novos formatos de relações, no entanto, temos aqui essa busca de forma expressiva também numa amostra majoritariamente formada por pessoas casadas e monogâmicas. Podemos pensar que essa busca por leveza e satisfação é também um reflexo da sobrecarga neoliberal em que “a pessoa explora a si mesma achando que está se realizando; (...) a lógica traiçoeira do neoliberalismo que culmina na síndrome de burnout” (Hans, 2018 *apud* Viana, 2023). Faz sentido que essas pessoas passem a reivindicar o seu direito ao prazer, pelo menos dentro das relações pessoais. Por outro lado,

também temos muitos relatos, parecidos com este do participante 15, afirmando que “os relacionamentos se tornam performáticos, falsos, sem intimidade”, o que pode indicar que essa busca por leveza e prazer também é reflexo dos relacionamentos colocados como arena de desempenho e fonte de gratificação imediata.

Percebemos novamente no conteúdo sobre as idealizações a pouca expressividade de um ideal voltado à construção de família – apenas sete relatos (10,4%). Além disso, apenas seis relatos (9%) idealizam relacionamentos com equilíbrio das finanças entre as partes. Esse dado contrasta fortemente com a pesquisa de Bezerra e Justo (2010), em que os valores mais citados na categoria *valorização/almejado* são “os da ordem socioeconômica” (p. 203). Os autores traçaram um paralelo deste resultado com o “paradigma capitalista do consumismo e da valorização dos bens materiais, acima de tudo, tendo o dinheiro como seu maior ícone” (p. 203). Quinze anos depois, o dinheiro segue como medida de valor pessoal em uma sociedade ainda arraigadamente capitalista, mas já não aparece, necessariamente, como uma expectativa em relação ao outro nem à relação. A individualidade, no entanto, é bem cultuada, indicando um movimento de atribuição da responsabilidade financeira e do sucesso ao próprio indivíduo (Alemán, 2023).

Se, há 15 anos, os autores identificaram que sua amostra se queixava mais sobre descompromisso, insegurança e traição, vemos que hoje as preocupações estão mais voltadas para a preservação da individualidade, da comunicação e a possibilidade de que a relação seja fonte de prazer. Enquanto os(as) consulentes de 2010 se dividiam entre reclamar do descompromisso e temer o compromisso, hoje temos discursos mais declaradamente interessados em autonomia, mesmo entre aqueles que ainda buscam nas relações uma possibilidade de preenchimento da vida cotidiana. Em poesia, a participante 8 compartilha: “Mira/Antecipei-me ao cupido e/Antes que ele lance a sua flecha torta/Num coração alheio ao meu /Lancei-me eu!/E agora, zombo do Eros infante/Mirando meu novo amante!”, mostrando a necessidade de amar-se antes de amar outro. Vemos também algumas marcas típicas do estilo de vida neoliberal: a hipervalorização do desempenho individual, a sobrecarga emocional sobre os indivíduos e o isolamento. Como afirma Alemán (2023), “devemos ter em mente que essa ‘liberdade’ da qual o sujeito goza explorando a si mesmo é acompanhada por um novo estado de intimidação, ameaças e diferentes formas de segregação cada vez mais violentas” (p. 12).

Neoliberalismo e amor: percepções atuais sobre os relacionamentos afetivos

Uma das perguntas abertas do formulário pedia que o(a) respondente relatasse como ele(a) percebe os impactos de certos valores da cultura neoliberal (listados na pergunta anterior) sobre a sua forma de se relacionar amorosamente. Dessas respostas extraímos algumas subcategorias, sendo as mais expressivas listadas a seguir: 26 pessoas (38,8%) alegaram que as relações se tornam superficiais (incluindo aqui questões como relações performáticas, por *status*, por conveniência, para “postar nas redes”, novos formatos digitais); 17 pessoas (25,4%) relataram impacto na falta de tempo (incluindo aqui questões como estresse, excesso de trabalho, exaustão, falta de tempo para si e para a relação); 17 pessoas (25,4%) relataram a problemática de se relacionar com pessoas com valores diferentes (no sentido de crenças, estilo de vida, valores políticos, econômicos); 15 pessoas (22,4%) relataram que os valores listados impactam pouco ou não impactam. No entanto, é interessante analisar que 11 dessas 15 (73,3%) se declararam casadas(os) e/ou em um relacionamento estável e monogâmico e três (20%) declaram atribuir pouca importância às relações amorosas, o que nos leva a crer que o estilo de vida neoliberal vem afetando de forma mais proeminente as pessoas que estão mais ativas no mercado de busca por relações.

De certa forma, faz sentido pensar que as relações atuais precisam atender às demandas deste sujeito que tem a sua subjetividade confiscada pelo *modus operandi* neoliberal. Assim, traçamos um paralelo entre esse excesso de superficialidade, a falta de tempo e a busca por pares como um sintoma de relações entre pessoas cada vez mais voltadas para si, que precisam gerenciar suas vidas pessoais e profissionais de forma autônoma, dentro de uma “*psicopolítica* positivamente marcada para a realização de um controle interno, uma autocobrança, uma vigilância intrínseca e, por fim, adoecedora” (Viana, 2023, p. 5). Percebemos isso em algumas respostas ao formulário *online*: “me sinto estressada no dia a dia e sei que isso afeta muito meu relacionamento” (participante 12), “Menos tempo disponível para relações” (participante 20), “As condições de trabalho sugam tempo e energia das pessoas” (participante 30), “a relação amorosa também era sinônimo de sucesso ou fracasso” (participante 46).

Para aprofundar a percepção das pessoas sobre as construções das relações amorosas atuais, destacamos as respostas das seguintes perguntas abertas: “Que tipo de vínculos você percebe que as pessoas buscam com mais frequência hoje em dia?” e “Como você avalia as construções das relações afetivas nos últimos anos/atualmente?”. Aqui também foi possível agrupar as respostas sob algumas subcategorias: 31 pessoas (46,3%) falam de vínculos superficiais e 39 (58,2%) de construções de relações superficiais (incluindo falta de compromisso, medo de se relacionar, relações casuais, descartáveis, efêmeras, entre outros), 14

pessoas (20,9%) falam de vínculos individualistas e 19 (28,3%) de construções de relações mais preocupadas com as aparências (incluindo *status*, competição performance, imagem nas redes sociais, entre outros), 10 pessoas (15%) escreveram que as pessoas buscam vínculos para se completarem, por carência, necessidade de preenchimento e segurança ou que idealizam demais essa busca, seis pessoas (9%) falaram que as pessoas priorizam a satisfação sexual, nove (13,4%) falaram que as pessoas estão buscando vínculos honestos, afetivos e de amizade e três (4,5%) expressaram o desejo por relações mais leves e a possibilidade de alcançar isso através da maturidade, cinco (7,5%) responderam que está difícil construir vínculos e/ou relações, seis (9%) não souberam responder sobre os vínculos e duas (3%) não souberam responder sobre as construções das relações.

Vemos que as opiniões de que os relacionamentos estão cada vez mais superficiais, efêmeros, casuais e performáticos são as mais expressivas. Bezerra e Justo (2010) dedicam uma parte considerável de seus resultados analisando as falas dos(as) consulentes que apresentavam uma “cabal demonstração de uma leitura do mundo e dos relacionamentos amorosos calcada na lógica contemporânea do consumo e do descarte” (p. 202). Os autores destacam a fala de uma consulente que compara o parceiro com quem viveu por sete anos como uma “roupa que não cabia em mim” (p. 202) e de uma das consultoras que “compara a situação de quem está à procura de um relacionamento amoroso com a de quem está à procura de uma roupa” (p. 202) em uma vitrine. Entre as respostas coletadas na pesquisa deste trabalho temos algumas comparações dos aplicativos de relacionamentos com um “cardápio virtual” (participante 42), outro descreve como as redes sociais promovem uma encenação pública dos vínculos, em que “o que é exibido virtualmente é interpretado como reflexo fiel da realidade afetiva” (participante 15). Esses comentários, entre outros, denunciam a mercantilização dos corpos e dos afetos, sobretudo no contexto da era digital, remetendo à metáfora da “prateleira do amor” (Zanello 2023), que compara os dispositivos digitais como espaços de exibição e validação afetiva, em que o valor das pessoas e das relações é medido pela sua visibilidade e engajamento.

Navarro Lins (2023) associa a crescente superficialidade nos relacionamentos a uma estratégia para aproveitar apenas os aspectos prazerosos, como o sexo, a leveza e a novidade em detrimento aos desafios da rotina e da convivência prolongada, o que se alinha à lógica de sobrecarga imposta pelo neoliberalismo. Nesse cenário, surgem novos formatos de relações, (abertas, casuais, múltiplas, esporádicas) como expressão da transformação do amor romântico na contemporaneidade. Contudo, as respostas do nosso questionário se destacam por um viés negativo, apontando essa superficialidade como empobrecedora dos vínculos. Assim,

corroboramos a autora ao afirmar que as formas de amar estão em transição: o amor romântico é questionado, mas ainda permanece como ideal desejado. Nas palavras de Lins (2023, p. 20): “como em toda transição, observamos comportamentos díspares – alguns muito libertários e outros bastante conservadores [...] o novo assusta e o desconhecido gera insegurança”.

Para Alemán (2023), a lógica neoliberal proporciona uma falsa experiência de liberdade, em que o sujeito é convocado a explorar e expressar ao máximo o seu potencial, ao mesmo tempo em que é atravessado por dispositivos que reduzem a sua singularidade: como o imperativo de se autogerir e performar em todas as esferas da vida social, inclusive a afetiva. Para Viana (2023), a gestão neoliberal exerce sua ação de forma silenciosa, na promessa de “um admirável mundo novo”, colocando o dever como um limite que se expande sob a aparência de liberdade de consumo. Na esfera das relações, essa dinâmica torna a busca por parceiros mais complexa, pois aumenta as possibilidades de ofertas, mas também amplia as dificuldades em encontrar pessoas alinhadas em seus desejos, planos, estilos e momentos de vida. A pesquisa mostra uma tensão evidente entre a necessidade de se preservar o espaço da individualidade, mas também uma ânsia pelo resgate de sentimentos profundos, como o amor e parceria, e a necessidade de prazer, seja pela satisfação sexual ou pela leveza nas relações. Diante disso, é pertinente questionar se a pluralização de novos arranjos de relações é sinal de transformação e busca por autenticidade, ou também a reprodução da lógica neoliberal da autossuficiência e investimento contínuo na própria performance, levada à esfera dos relacionamentos. O desafio nesse sentido, talvez consista em criar espaço para que a diversidade possa existir, preservando a singularidade de cada sujeito, mas sem sucumbir ao individualismo que isola e empobrece as relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as experiências atuais de relacionamentos amorosos, considerando como pano de fundo a contemporaneidade atual marcada pelo neoliberalismo digital e seus impactos na subjetividade e inter-relações é uma empreitada que deve priorizar o exercício de reflexão sem buscar conclusões definitivas. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo contribuir para um debate contemporâneo e dinâmico, abrangendo tanto as inter-relações quanto a experiência singular de cada indivíduo. Acreditamos que esta pesquisa empírica lança luz sobre conceitos discutidos por autores(as) relevantes, agregada à riqueza de relatos reais, de pessoas envolvidas em seus processos amorosos e engajadas na busca por prazer e satisfação, com todos os desafios e conquistas que isso implica.

Conseguimos reunir um material rico, com relatos profundos e espontâneos de 67 pessoas, que nos permitiu observar transformações significativas nos processos de construções de relações amorosas em comparação aos resultados de Bezerra e Justo (2010). O que se desvela é o intenso processo de mudança das construções sociais num período histórico relativamente curto, mostrando a velocidade e intensidade com a qual nossa sociedade se reorganiza a todo momento. Valores antes priorizados foram substituídos por outros mais alinhados às demandas atuais de uma sociedade neoliberal profundamente enraizada na cultura da globalização digital, da lógica do desempenho e da hipervalorização da autonomia e individualidade – que muitas vezes se converte em individualismo – produzindo impactos significativos sobre a saúde mental e emocional dos sujeitos.

No entanto, é importante reconhecer as limitações desta pesquisa, especialmente quanto à especificidade da amostra. Como mencionado, ela foi composta majoritariamente por mulheres cis (82,1%), heterossexuais (86,6%), brancas (73,1%), da região Sudeste (91%) e pertencentes às classes médias A, B ou C (88,1%). Esse recorte não invalida os resultados, mas delimita seu alcance e reforça a necessidade de ampliar a diversidade social da amostra para uma compreensão mais inclusiva das dinâmicas relacionais. Outra limitação diz respeito à amplitude do tema e do material coletado, em relação ao tempo reduzido para sua execução, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso. Para que fosse possível cumprir com os prazos estabelecidos, o caminho percorrido priorizou os dados mais alinhados aos objetivos da pesquisa. Essa delimitação estratégica reforça a necessidade de futuras investigações que permitam aprofundar as questões aqui levantadas, por exemplo, para os impactos dessas novas formas de se relacionar, ditadas pelo contexto neoliberal, sobre a saúde mental e construções identitárias dos sujeitos inseridos neste contexto.

REFERÊNCIAS

- ALEMÁN, J.; GOMES, M. C. Horizontes Neoliberais na Subjetividade. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 11, n. 21, p. 1–24, 7 fev. 2023.
- ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas Ciências Sociais. **Revista Sociedade e Estado**, Vol. 34, Número 1, Janeiro/Abril 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201934010009> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/RyfDLystcfKXNSPTLpsCnZp/> Acesso em 20 abr. 2025
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BEZERRA, P. V.; JUSTO, J. S. Relacionamentos amorosos na pós-modernidade: análise das consultas apresentadas em sites de relacionamento amoroso. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 4, p. 193–204, 1 jan. 2010. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume4_n2/bezerra_e_justo.pdf

CORDEIRO, Euzane Maria *et al.* Breves considerações a respeito da análise de Conteúdo e da pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 28, p. 146-157, 2024

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUNKER, C. **A Arte De Amar**. [s.l.] Record, 2024.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **A Gente Mira No Amor e Acerta Na Solidão**. [s.l.] Paidós, 2023.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, feminino e solidão: um estudo psicanalítico sobre invenções da existência**. 2021. 188f. Tese (Doutorado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ, 2021

LINS, Regina Navarro. **Novas formas de amar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Planeta, 2018.

MICHAELIS. *Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa*. Poliamor. São Paulo: Melhoramentos, 2018. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 3 out. 2025.

PECINATO, B. Os impactos da criação da pílula anticoncepcional na emancipação da mulher. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/os-impactos-da-criacao-da-pilula-anticoncepcional-na-emancipacao-da-mulher>>. Acesso em: 18 maio. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

VIANA, Moisés dos Santos. A psicopolítica em Byung-Chul Han: introdução para a crítica das novas tecnologias-inovações de poder. **Revista de Estudos Interdisciplinares**. v. 25. n. 2. 2023. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes>

VIEIRA, Grazielli; KAMAZAKI, Daniely; DIAS, Ana Cristina; Ética em Pesquisa: A Utilização de Levantamento On-line em Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão** 2022 v. 42, p. 1-13. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003238789>

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero E Dispositivos**. [s.l.] Curitiba: Editora Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska. **A Prateleira Do Amor: Sobre Mulheres, Homens E Relações**. Curitiba: Editora Appris, 2023.